



Sobre a Produção Acadêmica em Fotografia na Intercom: Uma Insurgência Dionisíaca¹

Sabrina RUGGERI²

Ana Taís MARTINS PORTANOVA BARROS³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo resulta de um subprojeto de uma pesquisa bibliométrica que abarca a produção acadêmica do GP Fotografia na Intercom nos últimos dez anos. Um desvio na intenção de análise levou-nos a pensar a forma do corpus pesquisado, e não mais seu conteúdo, isso, graças a uma aproximação com problemas de ordem formal destes trabalhos: características que não se coadunam com o tradicional rigor científico. Daí, é possível refletir sobre o surgimento de uma nova lógica científica e societal, tendo como principais guias Michel Maffesoli e Paul Feyerabend.

PALAVRAS-CHAVE:

Formismo; Filosofia da Ciência; Estudos do Imaginário; Fenomenologia.

1. A produção do GP fotografia na Intercom

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior intitulada “O estado da arte da fotografia no Brasil: ciência, imaginários, senso comum”, que abarca toda a produção acadêmica brasileira sobre fotografia entre os anos de 1999 e 2009. Este artigo resulta de um subprojeto que abrange a bibliometria realizada junto aos anais eletrônicos da Intercom dos anos 2004 a 2008. Primeiramente, fez-se uma busca por todos os trabalhos publicados neste período no Grupo de Pesquisa Fotografia da Intercom, contabilizando 123 trabalhos. Em seguida, foram selecionados somente aqueles que tratavam da

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de graduação 4º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRGS, email: sabrinarufrei@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FABICO-UFRGS, email: anataismartins@hotmail.com.



fotografia enquanto *episteme*, resultando desta filtragem 43 trabalhos. Foi então feita uma tabulação das citações bibliográficas com as seguintes categorias: autores citados, obras, textos e demais periódicos utilizados no processo de escritura. Depois dos dados quantitativos organizados, passou-se à observação do corpus.

Este procedimento configurou-se em um desvio na reflexão. Ao nos aproximarmos dos trabalhos selecionados, deparamos-nos com um problema: estávamos diante de um conflito entre dois pólos contrários. De um lado, características que não se coadunam com a tradicional estrutura formal acadêmica, e do outro, trabalhos que realizam uma interessante abordagem interdisciplinar. Estávamos certos de que algo poder-se-ia revelar se nossa atenção fosse redobrada sobre tal fenômeno: algo de mais intenso e valorativo parecia se esconder por baixo de estruturas que não facilitavam a nossa visão. Daí percebemos a possibilidade e a utilidade de procedermos a uma reflexão qualitativa de nosso corpus. A questão central era: o que a forma destes trabalhos pode revelar? O que há de subterrâneo nestes escritos que não se revela a um primeiro olhar?

Decidido, portanto, o desvio e o abandono dos dados bibliométricos, partimos para a construção de uma análise formal. A um primeiro olhar, nosso objeto parecia incapaz de despertar algum interesse científico, pela acentuada falta de rigidez em sua forma. Mesmo como um “continente” imperfeito, não havia uma sublevação suficiente para subtrair a força de seu conteúdo. Era essa a inquietação.

2. Categorias de análise

Para a melhor análise e compreensão destas discordâncias da forma dos trabalhos que compõem nosso objeto em relação às exigências científicas, mais precisamente as regras da ABNT, procedeu-se a uma organização quantitativa dos dados recolhidos. A elaboração de categorias de erros formais pretende auxiliar na apresentação do recorte específico que aqui pretendemos, segue abaixo as categorias criadas e os números a que chegamos.

A primeira categoria, e poder-se-ia dizer a mais importante, é a em que separamos aqueles trabalhos com problemas nas citações no corpo do texto. Tal importância lhe é conferida pela frequência com que emerge em nosso objeto, dos 43 trabalhos analisados, 20 apresentaram incoerências ao citar autores ou mesmo obras dentro do texto e faltarem com a indicação dos mesmos nas referências bibliográficas,



norma essencial a ser seguida dentro do fazer acadêmico. Os erros desta natureza encontrados no volume total de artigos analisados chega ao significativo número de 59 aparições.

A segunda categoria é semelhante à primeira, diferindo apenas na questão do ano das obras citadas: os trabalhos ou não indicavam o ano da obra referida no corpo do texto, ou o ano indicado nas referências bibliográficas não correspondia com o do corpo do texto. Esta discordância com as normas da ABNT foi encontrada em 14 trabalhos dos 43 analisados, foram 24 erros desta natureza no total.

A terceira categoria abrange problemas encontrados em citações diretas com mais de três linhas, os erros vão desde a não adequação do tamanho da letra prevista pela ABNT nestes casos, que deve ser sempre menor do que a usada no restante do texto, passando mesmo pela não indicação da página da referida passagem e pelo uso das aspas, que nesse tipo de citação devem ser sempre abolidas. Erros desta natureza foram encontrados em 19 trabalhos dos 43 analisados, o número total de aparições chega ao expressivo número de 70.

A próxima categoria é a em que agrupamos os trabalhos que não estão nas normas quanto às referências bibliográficas, ou os títulos das obras não receberam algum destaque como previsto pela ABNT, ou não há um padrão de destaque destes títulos. Este tipo de incoerência foi encontrado em 17 trabalhos.

Na seguinte categoria encontram-se trabalhos sem edição de texto seguindo as normas previstas para parágrafos, espaçamento e centralização de página. São 9 trabalhos num total de 43 analisados. A sexta categoria agrupa trabalhos sem paginação, são 6 trabalhos, e outros com erros de digitação, são 5 trabalhos.

Além disso, pode-se ainda citar 2 trabalhos em que as referências não estão organizadas em ordem alfabética, 3 trabalhos em que não há um padrão nas citações durante o texto, e 6 trabalhos em que faltam dados na citação no corpo do texto: ou não há indicação do ano da publicação da obra, ou a página não está apontada.

Outras discordâncias formais encontradas que não foram incluídas em nenhuma categoria, e que ainda assim merecem ser citadas, são, primeiramente, uso de cores durante o texto. Num deles, há vários trechos em cinza, distoando fortemente do preto do restante do texto, em outro, há um trecho realçado em vermelho, acreditamos que essas marcações foram feitas com o intuito de serem revistas antes do envio da versão final dos trabalhos, e acabaram passando despercebidas. Em outro, ainda, consta uma



informação de ordem numérica sobre uma empresa e ao lado, em caixa alta e entre parênteses, o termo “checar”. Obviamente trata-se do mesmo erro já citado acima.

Ao fim, é importante elucidar o fato de que pretendemos sim demonstrar uma função positiva decorrente destas incoerências, mas não poderíamos ignorar outros apontamentos que estes dados nos fazem, pretendemos também chamar a atenção de todos os envolvidos no fazer científico dentro do campo da comunicação. O fato é que mesmo com sua forma desajustada em relação ao instituído como legítimo dentro do campo da ciência, estes trabalhos tem sido aceitos e circulam neste ambiente sem deixar de cumprir sua função. A produção e construção de conhecimento tem transcorrido normalmente, mesmo com o que definiremos como “incurções dionisíacas” - estas se configuram em sublevações inauguradas na forma dos escritos.

Diversas análises podem ser desenvolvidas tendo em vista o resultado de nossa coleta, mas não desejamos munir-nos de um “moralismo teórico” estéril, já bem denunciado por Maffesoli (1996). Cercaremo-nos da abordagem fenomenológica do autor, pois que não queremos nutrir nossa reflexão com uma espécie de “forma teórica”: esta seria lentamente construída com pressupostos aquém daquilo que analisamos, literalmente de fora, e ao fim, apenas recortaria nosso objeto de maneira incompleta. Não queremos ditar ao nosso objeto o que ele deve ser.

Seguimos, portanto, com a proposta de Maffesoli por um “olhar generoso” que respeita as coisas pelo que são, que tenta apreender qual pode ser sua lógica interna, fazendo uso, para tal, de um “juízo de existência” (MAFFESOLI, 1996, p. 11). Uma honesta tentativa de não se revoltar diante do que se revela como o presente, mas, muito pelo contrário: munir-nos de percepções concernentes à complexidade do nosso objeto de estudo. “Deixar ver, fazer pensar” (MAFFESOLI, 1996, p. 10).

As intenções maffesolianas de não análise, e sim de uma ambientação, são nossas cúmplices; para melhor compreendê-las, “...basta dizer que Maffesoli fala como alguém que se coloca dentro, fundido com o objeto, nunca fora, num metaponto de vista de julgamento ou objetividade. Ele quer fazer parte daquilo de que fala” (SILVA, 2004, p. 45-46). Aqui, procuraremos encontrar na própria lógica interna do objeto que observamos as respostas que buscamos – o que ele realmente é está guardado dentro dele próprio. Exploraremos o quanto este fenômeno pode nos ensinar sobre o fazer científico e sobre para onde podemos estar caminhando.

3. O método do Formismo



Michel Maffesoli tem sido reconhecido principalmente pela defesa de uma emergente transformação em nossas sociedades, a mudança societal não é explicada, mas sim, interpretada, desvelada. Para Maffesoli (1996), a forma é formadora – evidência de uma explosão vital exclusivamente apta a gestar a existência a partir de seu interior.

Quando um novo universo de sentido encontra-se em estado embrionário, mesmo uma nova civilização, é a forma que abrirá caminho para que esta realidade seja concretizada objetivamente. São seus contornos externos que primeiramente se delinearão, fazendo com que o corpo “fique de pé”; isso acontece com o estilo de dadas épocas. As aparências e as modinhas de um dado grupo não são futilidade ou coisa sem relevância – encontra-se depositada justamente ali, cravada no âmago da superfície (MAFFESOLI, 1996), a fonte de todo o *vitalismo* do grupo. A esse respeito, explica ainda o autor:

A forma é uma matriz que preside ao nascimento, ao desenvolvimento e à morte dos diversos elementos que caracterizam uma sociedade. [...] Há também uma estreita conexão entre o conteúdo e o continente, entre a forma exterior e a força interior (MAFFESOLI, 1996, p. 127).

Por compreender e alcançar uma profundidade aquém da presumida, por se tratar de uma fiel indicadora do “orgânico”, a forma pode nos dizer muito mais do que já foi dito. O formismo, por privilegiar os e “confiar” nos apontamentos da forma, permitir-nos-ia compreender o aspecto aleatório e, concomitantemente, a coerência profunda da existência social.

Maffesoli exalta ainda a possibilidade de, armados de tais ideias, encararmos o que antes podia parecer frivolidade como uma “alavanca metodológica” (MAFFESOLI, 1996, p. 10). Insiste, inclusive, na dignidade intelectual da forma, no mecanismo de autocrescimento da vida intrínseco a ela; e principalmente, insiste sobre a lição essencial da forma: cada fragmento é em si significativo e contém o mundo na sua totalidade.

Isso força uma conversão do olhar: apreciar cada coisa a partir de sua própria lógica, de sua coerência subterrânea, e não a partir de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser. (MAFFESOLI, 1996, p. 27).

Voltamo-nos para nosso objeto, onde vemos uma forma carente de equilíbrio, carente da lógica de organização a que estamos habituados. À luz do formismo, esta



simples aparência a um primeiro olhar tida como desajustada, pode revelar-se coerente em sua própria profundidade. Uma mudança de forma ainda embrionária, e mesmo indicadora de problemas em seu campo, mas que mostra-se como a configuração dos primeiros passos de uma nova lógica que aí se instaura, levando, portanto, a um novo estágio de seu conteúdo.

. Antes da consumação desta forma, não se pode esperar outra coisa senão desorganização, desequilíbrio, caos. A gestação de sentido não pode prescindir do “nada” que se estabelece até o momento em que ela mesma passa

Acessar o que se desdobra por baixo do solo, escondido por entre o que pisamos continuamente, trata-se de um caminho para entrever o porquê do caos antes do equilíbrio. O fascínio do que não pode ser visto por uma análise exterior, e mesmo próxima; é preciso adentrar o objeto, conhecê-lo em seu vazio.

4. Filosofia da ciência e desmitologização

Paul Feyerabend é um filósofo conhecido por se debruçar sobre a ciência de uma maneira tão peculiar que seu pensamento acabou por ser resumido na forma de um jargão: “tudo vale”. Mais que isso, Feyerabend arriscou-se por entre truncados caminhos em busca de uma forma de “esclarecimento da ciência”, de uma verdadeira “desmitologização” de um saber que tem se mostrado cada vez mais religioso e ortodoxo. Feyerabend deseja acabar com o “mito da ciência”, mito este no senso comum: aquilo que é ficção, narrativa para seduzir e iludir sobre a verdade. A ciência, para o autor, é um empreendimento como qualquer outro que não pode fugir das “humanidades”, daqueles fatores que nos traem, que nos contradizem. Trata-se de um empreendimento racional, mas jamais se diria, embora tantas controvérsias, desprovido de quaisquer outras intenções humanas.

No último ensaio do livro “Adeus à Razão” (FEYERABEND, 1991), acompanhamos um professor universitário simplesmente fatigado de exercer sua função. O por quê? Feyerabend se depara com uma turma de alunos vindos de outros países, em suas próprias palavras: pessoas que abandonaram suas casas e famílias em busca do sonho de “receber educação” (FEYERABEND, 1991, p. 368). Era ele quem deveria ser o provedor deste conhecimento e já não se achava à altura, “quanto a essa missão – tornou-se-me agora bastante clara – era a de um condutor de escravos muito



requintado e muito sofisticado. E isso eu não queria ser.” (FEYERABEND, 1991, p. 368).

Talvez esteja aí a grandeza de Feyerabend: sensibilizamo-nos diante da intuição desta voz que ecoa na “realidade”. Referimo-nos à voz da ciência, uma voz silenciadora. Partilhamos com Feyerabend um sentimento de asco no momento em que se percebe como um destruidor do conhecimento daquelas pessoas, um conhecimento adquirido pela experiência delas mesmas. Com a irônica incumbência de ensinar-lhes a pensar da “forma correta”, Feyerabend se despede da “Fundação Razão” (FEYERABEND, 1991, p. 352). enquanto sentimos na pele os problemas e incoerências de nossa pedagogia muitas vezes limitadora e constrangedora.

Mas ele não poderia continuar a ignorar a titânica destruição que o “progresso científico” já fora capaz de alcançar em séculos de reinado. Destruição física, moral e espiritual. Feyerabend vem para recordar aos cientistas seu papel na sociedade, a influência que estes têm sobre todo o corpo social e a responsabilidade que carregam.

Basta apenas, para repor a eficiência, a modéstia, e acima de tudo a humanidade dos praticantes de um ofício, admitir que os cientistas são cidadãos *mesmo dentro do domínio da sua perícia* e por conseguinte, devem estar preparados para aceitar a orientação e a supervisão dos outros cidadãos (FEYERABEND, 1991, p. 168).

Aprendemos com este filósofo a alargar nossos horizontes sem medo da desconfiança alheia, num esforço por respeitar a utilidade de cada tipo de pensamento em sua existência própria. Aprendemos, ainda, a suspeitar do que intuitivamente não nos parece coerente, a confiar no que sentimos e pensamos. Por fim, percebemos que é recortando um pouco de tudo o que nos “aquece” e aconchega, e então reunindo isso tudo com uma boa dose de coragem que estaremos alcançando nosso objetivo final – fazer “ciência”.

Retornando ao nosso objeto, podemos melhor compreender e aceitar seu desajuste diante do legitimado como fazer científico. Porque a ciência não é uma entidade à parte do restante da sociedade, e porque se “contamina” com o senso comum muito mais do que gostaríamos de aceitar, é que a observação da forma de nosso objeto pode ser compreendida como uma lógica social, neste caso, com uma função especial da transformação.

As opiniões polêmicas e incisivas de Feyerabend, como a de que a ciência é um “empreendimento anárquico por natureza” (FEYERABEND, 1991, p. 168), podem ser descritas como características de um Dionísio rebelde e melancólico, apaixonado e



ambíguo. Sua ironia contra a “Fundação Razão” (FEYERABEND, 1991, p. 352), suas indicações sobre os desregramentos e as descontinuidades de um empreendimento que é supervalorizado em nossa sociedade, tudo nos leva a considerar uma nova ordem de pensamento.

Para fazer-se o que pretende ser, em sua especificidade, a ciência necessita de um certo estreitamento do caminho, de um esforço de concentração pontual, escolha esta que pode muitas vezes resultar no esquecimento de outros vieses e possibilidades de análise. Afora sua potência para desvelar logicamente universos incrivelmente independentes de nós, ela nos fragmenta por alguns lados, nos rompe alguns galhos preciosos – enfraquece a chama. “[...] as decisões referentes ao valor e ao uso da ciência não são decisões científicas: são antes o que se poderia designar por decisões ‘existenciais’; são decisões para viver, pensar, sentir, agir de determinada maneira” (FEYERABEND, 1991, p. 141).

5. O retorno de Dionísio

É com base nos pressupostos dos Estudos do Imaginário de seu mestre Gilbert Durand que o francês Michel Maffesoli constrói seu leque de evidências quanto a uma mudança profunda nas sociedades contemporâneas. Algo num nível subterrâneo se desdobra, algo na base do que faz o homem se unir com seu semelhante, o que “faz sociedade”. Não mais vivemos e “imaginamos” o tempo como algo a nosso serviço e o espaço como um objeto, não mais os projetamos e os concebemos como uma linha em direção a algum fim, com algum objetivo a alcançar. O tempo espacializa-se, o mundo é uma eternidade a ser vivida e vivificada a cada instante.

A “ética da estética” (MAFFESOLI, 1996, p. 11) colocaria em ação um outro pivô para a ordenação da vida social: é o que será experimentado com outros que será primordial, um “irreprimível e poderoso hedonismo” (MAFFESOLI, 1996, p. 11). O “estar junto” maffesoliano irá justificar essa nova lógica de nosso tempo, pois que

...essas relações tornam-se relações animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia-a-dia, de um modo orgânico; além disso, elas tornam a centrar-se sobre o que é da ordem da proximidade. Em suma, o laço social torna-se emocional. (MAFFESOLI, 1996, p. 12).

Uma transformação emerge lentamente deste nosso “poço de sentido” e vai guiando, aos poucos, nosso “sentir” no mundo e nossa imaginação a mais primordial para a edificação das origens do que chamamos realidade. Essa “nova ética”, segundo



Maffesoli (1996), é uma ética em seu sentido forte: o que permite que a partir de algo que é exterior a mim possa se operar um conhecimento de mim mesmo. A imaginação deixa de ser tão intensamente subjugada pela razão.

A repetição dos mesmos erros, o número elevado a que alguns chegam, como já evidenciado nas categorias, pode demonstrar alguma insurgência no sentido mesmo de mudança. São quatro anos de congresso analisados dentro deste recorte, e os mesmo erros se repetem mantendo uma certa constância, alguma camada de sublevação parece se formar em torno da forma.

No consentimento do que o nosso objeto nos apresenta – um descompromisso com a ordem estabelecida – podemos então compreender sua forma, mantendo um diálogo...

E o estetismo estigmatizado pode ser justamente uma sensibilidade teórica, que nos permita apreciar a beleza da desordem aparente, sua fecundidade também. [...] Ao contrário do moralismo, o estetismo remete a uma forma de *assentimento à vida*. Nada do que a compõe deve se rejeitar. É um desafio por aceitar (MAFFESOLI, 1996, p. 49).

Nesse sentido, estaríamos assistindo ao “retorno de Dionísio” (MAFFESOLI, 1996, p. 95) mito que permanecera durante toda a modernidade recalcado no subsolo arquetipal. Dionísio vem para lembrar ao homem que ele não pode se desconectar da natureza, e que mesmo sendo homem, não deixa de ser animal. Sua estruturação do tempo transfere nossos investimentos para a égide do *hic et nunc*, é o prazer do instante vivido coletivamente que pauta os anseios e investimentos humanos, uma comunhão com a terra.

Nesse movimento de uma forma que parece brotar de uma nova ordem social, e ao mesmo tempo, leva de volta consigo esta mudança latente que a sustenta, a fecundidade da transformação acaba por se destacar em meio à aparente desordem, traz-nos o equilíbrio, enfim.

Podemos *apreciar*, por meio de um verdadeiro saber desinteressado, desengajado, o retorno do paradigma dionisíaco, expresso nas múltiplas reações à unidimensionalidade econômico-tecnocrática. [...] tenacidade de um querer-viver, individual e coletivo, que não foi, totalmente, erradicado. É a expressão de uma irreprimível saúde popular (MAFFESOLI, 1996, p. 5).

E porque a ciência se nutre continuamente do senso comum é que se pode falar nessa contaminação, se a comunicação da forma analisada é efetuada e sua função é alcançada, então não há embate evidente. O processo científico continua a se desenrolar diante de e entre todos os indivíduos que dele se ocupam, mesmo este nosso resultado



encontra-se intimamente conectado e atuante nesta lógica. A forma em toda sua força criativa.

O mitólogo Mircea Eliade em sua obra “Mito e Realidade” (1994) refere-se à história da arte ocidental para tratar de assuntos míticos da ordem da crença em uma destruição do mundo e criação posterior de um novo, o mito do Fim do Mundo e a crença no *novo millenium*. Transformações radicais no seio da música, da literatura e das artes plásticas teriam produzido um efeito de “destruição da linguagem artística”, uma verdadeira explosão do universo de sentido existente. Como bem explicitara Eliade (1994), mais que uma destruição, “é uma regressão ao caos, a uma espécie de *massa confusional* primordial” (ELIADE, 1994, p.68), o artista precisa aí arrasar as bases existentes para sentir que de fato está criando algo novo, precisa alcançar o “germinal da matéria”.

Depois da morte, do caos, da aparência do fim, segue-se uma fase complexa em que a criação de um novo universo faz-se real. Na visão de Eliade (1994), a análise das ideias dos artistas é sumamente importante porque são eles que representam as verdadeiras forças criadoras de uma civilização ou de uma sociedade. Retornamos ao formismo... Aí está mais uma evidência do potencial da “forma formadora”; a casca passa a ser composta, para, aí sim, um estilo e uma *nova era* se tornarem possíveis. São os artistas que melhor desempenham este papel, e mais que isso,

compreenderam que um verdadeiro reinício não pode ter lugar senão após um verdadeiro Fim. E, primeiros entre os modernos, os artistas puseram-se a destruir realmente o Mundo *deles*, a fim de recriar um Universo artístico no qual o homem possa simultaneamente existir, contemplar e sonhar. (ELIADE, 1994, p. 69)

Considerações Finais

No “fundo das aparências” (MAFFESOLI, 1996), além da nossa apressada desconfiança para com as incoerências encontradas em nosso objeto, deparamo-nos com outro sentido e função da forma destes trabalhos. A insurgência dionisiaca a que nos referimos diz respeito principalmente ao equilíbrio que este mito é capaz de trazer, numa genuína estratégia de revitalização e “oxigenação cíclica” do campo científico.

A ciência parece estar “destruindo” alguns de seus velhos pressupostos, dá provas de estar vivenciando uma fase de “caos”, e como já vimos, é uma *nova era* que sempre tem lugar após a destruição, esperança essencial de que fala Gilbert Durand. É



preciso que estejamos atentos para não deixar nenhuma dose deste *vitalismo* tão intenso se perder, para que a “respiração cíclica” possa se realizar da melhor maneira possível.

O aparecimento de tais fenômenos dentro do campo científico evidencia ainda a permeabilidade de tal grupo às opiniões comuns, o chamado senso comum (ou bom senso, como por vezes ironiza Maffesoli). Num movimento de abertura a novas ideias, com um posterior enrijecimento e enfraquecimento das mesmas, a dualidade entre o instituído e a gestação de um novo sentido se perpetuam.

Paul Feyerabend dedica boa parte de seu trabalho a pensar as bases de nosso saber, chamando a atenção para como ele precisa ser delicadamente analisado quando comparado a outras culturas. Insistindo na necessidade de imersão para se obter uma real compreensão daquilo que nos é alheio, questionando os pretextos sob os quais as outras tradições foram confrontadas e sob quais preceitos um aparente intercâmbio foi realizado, Feyerabend diz não ter existido nenhuma oportunidade a outras formas de pensamento.

Afirmo não existirem razões “objectivas” para preferir a ciência e o racionalismo ocidental a outras tradições. Com efeito, dificilmente se imagina quais poderão ser essas razões. Serão razões que convençam uma pessoa, ou os membros de uma cultura, independentemente de seus costumes, das suas crenças e da sua situação social? Então, o conhecimento que temos das culturas mostra-nos que não existem razões “objectivas” nesta acepção. Então, todas as culturas têm razões “objectivas” em seu favor. Serão razões reportadas a resultados cuja importância se detecta logo? Nesse caso, todas as culturas têm pelo menos algumas razões “objectivas” em seu favor. Serão razões que não dependem de elementos “subjectivos”, como empenhamento ou preferência pessoal? Nesse caso, não existem pura e simplesmente razões “objectivas” (a escolha da objectividade como medida é em si uma escolha pessoal e/ou de grupo – senão as pessoas aceitá-la-iam sem pensar muito) (FEYERABEND, 1991, p. 346).

Se a forma é da ordem do sensível e, portanto, prima pelo material e pelo “tátil” da vida e do cotidiano, é à natureza que o homem se volta neste momento, a um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, ao culto ao que o liga diretamente à terra. Conhecemos mais de perto Dionísio, enquanto este preserva seu potencial contestatório, o deus não apenas das bacanais, mas também das plantas



arbóreas que reavivam no homem a certeza de se constituir ele próprio em um ser vivo, um animal racional, mas que nem por isso deixa de ser animal.

Uma insurgência que é capaz de nos jogar de volta ao chão, que nos devolve a consciência de que o nosso conhecimento deve obrigatoriamente passar pela percepção de nossos sentidos. Devolve-nos a confiança em nossa configuração humana, apaga as imagens que antes nos davam um sentimento amargo diante de tudo o que é da ordem do terreno - sentimento de algo diabólico e medonho. Nossos fazeres são para nosso uso próprio, nada deve ser além daquilo que por si só já é – o tempo é um círculo para onde convergem todas as formas de ritualização possíveis.

Referências Bibliográficas

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

___ *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

___ *O imaginário : ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

___ *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Lisboa: Edições 70, 1993.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

___ *Adeus à Razão*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

MAFFESOLI, Michel. *À sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. São Paulo: Zouk, 2005.

___ *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

___ *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

___ *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

___ *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e sociabilidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.



___ *A parte do diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. *Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da comunicação*. Revista Famecos, Porto Alegre, n.25, p. 43-48, 2004.